

A BALA DE OURO

Estranho caso do doutor Lisboa

PEDRO CALMON

ESTE LIVRO PODERIA ser uma novela. É do período romântico, e tem consonâncias sentimentais com a Fanny, de Camilo. Poderia ser um romance de pitoresco panejamento informativo, suspendendo ao palco do seu teatro verídico paisagens e costumes dum época digna de memória. Poderia ser - veja-se isto! - uma tese jurídica, ou de corte científico, em que se provasse a precedência de grandes idéias liberais, no domínio da criminologia. Poderia ser história seca, barrada de extatídies doutas. O quer que fosse, na escala dos livros que fazem dum episódio da vida real - mais interessante porque colabora para sua análise a emoção popular - motivo e núcleo de pesquisas enfadonhas. Preferimos contar nele, com amenidade e nitidez, o estranho caso do doutor Lisboa, do seu amor de perdição e de sua penitência inaudita, dando-lhe os tons cabíveis, de narrativa romântica, de história documentada, de recuperação crítica, de revisão, enfim, daquele processo contraditório. O fato descreve-se em poucas palavras.

Em 1847, na Bahia, um moço de notáveis méritos - já, aos 23 anos, professor do Liceu - matou inexplicavelmente, com um tiro de pistola, a mulher com quem queria casar, Júlia Fetal, uma das mais belas raparigas do seu tempo. Tal desvario de paixão sombria alarmou, comoveu, dividiu aquela austera sociedade, e só escapou o assassino à pena de morte porque se alçou em sua defesa, nos debates do júri, a eloquência ponderada de advogados e médicos, que lhe negaram o livre-arbítrio... Condenado a 14 anos de prisão, sofreu-os com imperturbável serenidade. Deu-se aí um pequeno milagre. Na cela



O professor João E. da Silva Lisboa, protagonista da trágica história

do presidiário floresceram os estudos de muitos meninos que tiveram permissão para lá os fazerem. O terrível sujeito converteu-se num mestre de humanidades, ouvido como um oráculo, respeitado como um símbolo, a quem os pais, que queriam para os filhos uma boa educação moral, iam pedir à cadeia que os tomasse à sua conta, honrando-se com este serviço. Esgotado o prazo da reclusão, dali saiu para dirigir o

melhor colégio da província, o São João, que, por outros 15 anos, formou sucessivas gerações esclarecidas por sua doutrina, ufanas de sua amizade, e que jamais o esqueceram. Morreu pobre e sozinho no estrangeiro, o coração vívido entregue às causas cívicas em que se lhe diluiu a dor discreta, indultado publicamente pela justiça do mundo, nos primeiros da reabilitação suave, mas perpétuo grilheta do seu remorso. Quando, em 1878, num

leito de hospital, em Lisboa, acabou essa longa expiação, foram os antigos alunos, os professores como ele, as famílias reconhecidas ao seu sacerdote, que lhe comemoraram a vida despedaçada, pedindo para seu nome a compreensão e a misericórdia, que merecem os grandes desgraçados. Celebra o amor infeliz desse curioso sábio o mausoléu de pedra portuguesa que se conserva na igreja da Senhora da Graça, com o soneto de Adélia de Castro Fonseca a repetir - e por um século tem repetido - a sua sorte mesquinha.

Através dos tempos, a lenda desse infornuto encheu de reminiscências tristes a imaginação dos baianos. Cumpria entendê-la no seu denso conteúdo humano. Enche-se de lições, o enigma daquela alma. Digam os penalistas, falem os psicólogos, deponham os mestres de toda a ciência que se entreteceu à volta do delírio criminoso, sobre a razão da sem-razão. Que lhes responde a verdade, na biografia que restauramos. Depois de ter subido às culminâncias do pensamento especulativo, tombou o desventurado no abismo da sua loucura, com a circunstância de ter planejado o desatino com um ódio místico. Armou-se de duas pistolas e um punhal, abateu morta a mulher por quem morria, e feriu, a golpes desastrosos, numa insânia de destruir tudo, os homens que quiseram subjuga-lo. Para tão perigoso delinqüente não havia indulgência... Mas, na penumbra do cárcere, sobretudo quando ai arrulharam as esperanças da juventude, começo do seu perdão, se achou a si mesmo: e recompôs a vida interior, para escalar de novo as encostas donde desceram, até a purificação, quase a beatitude, em que envelheceu harmoniosamente.

A tese, da readaptação, é menos valiosa que a originalidade do castigo convertido em apostolado, a que deu todas as forças do caráter, da vontade, do talento. Isto descrito com a fantasia do novelista pareceria absurdo e convencional. Ou a reedição, em linguagem literária, de análogos santificações que há nos anais da Igreja, em cujos recintos místicos, tantas vezes, a selvageria dos pecadores temíveis se desmanchava na divina graça dos servos de Cristo... Para que se perceba que não transgredimos, numa linha, a história fiel, cometemos a impertinência de lastrar-lhe o texto com as notas explicativas, demastadas em livro de leitura leve, porém indispensáveis quando se pede a autenticidade, acima e além do espantoso caso.

Ficaria incompleto sem a história dos Lisboas. Sem um pedaço desconhecido da história literária, da história social, da história política do Brasil, o segredo de conjurações maldragadas, o enredo dos poetas e comerciantes ricos, o panorama de uma cultura nascente, tosa e esquecida, a revelação de uma sociedade que abre com estrondo a sua janela para as tempestades do mundo. E a redescoberta de um grande espírito.

Valha por isto.
E valha-nos isto.

■ O historiador Pedro Calmon escreveu o prefácio acima em maio de 1946, no Rio de Janeiro.



Capa da primeira edição do livro de Pedro Calmon

EXPEDIENTE

Edição: Tatiana Lima (interina)
Diagramação:
Márcia Alpoim (interina)
Revisão: Raymundo Alves

Endereço: A TARDE
Av. Tancredo Neves, 1092 - Caminho das Árvores
CEP 41822-900 / Salvador - Bahia
Internet: <http://www.atarde.com.br>

Nota
Aos colaboradores de A TARDE Cultural a editoria informa que se reserva o direito de dar preferência aos textos enviados em disquete.